

UNIVERSIDADE DO GRANDE ABC
- LITERATURA PORTUGUESA I -
COLETÂNEA DE TEXTOS



Escola de Atenas (detalhe) - Rafael

Prof. Ms. Flavio F. Botton

3º Edição – Janeiro 2006

(1º edição 2003)

ÍNDICE

TROVADORISMO	3
<i>CANTIGAS DE AMIGO DE MARTIN CODAX</i>	4
<i>CANTIGAS DE SANTA MARIA DE AFONSO X</i>	4
<i>POEMAS DO LIVRO DE CATULO</i>	5
HUMANISMO	5
<i>CANTIGA SUA PARTINDO-SE</i>	5
<i>ORATIO DE HOMINIS DIGNITATE</i>	5
<i>AUTO DA LUSITÂNIA – GIL VICENTE (1532)</i>	6
CLASSICISMO	6
<i>CAMÕES – REDONDILHA</i>	6
<i>CAMÕES – SONETOS</i>	7
<i>EPOPÉIAS</i>	7
BARROCO	8
<i>Sugestões de Leitura</i>	10

*TROVADORISMO**Cantiga de Amor*

En gran coita, senhor,
que peior que mort` é,
vivo, per boa fé,
e polo voss` amor
esta coita sofr` eu
por vós, senhor, que eu

Vi polo meu gran mal;
e melhor mi será
de morrer por vós já
e, pois me Deus non val,
esta coita sofr` eu
por vós, senhor, que eu

Polo meu gran mal vi;
e mais mi val morrer
ca tal coita sofrer,
esta coita sofr` eu
por vós, senhor, que eu

Vi por gran mal de mi,
pois tan coitad` and` eu.

Cantiga de Amor

Hun tal home sei eu, ai bem talhada,
que por vós tem a morte chegada;
vede quem é e seed` em nenbrada;
eu, mia dona.

Hun tal home sei eu que preto sente
De si a morte chegada certamente;
Vede quem é e venha-vos em mente;
eu, mia dona.

Hun tal home sei eu, aquest` oide :
que por vós marr` e vo-lo em partide;
vede quem é e non xe vos obride;
eu, mia dona.

Cantiga de Amor

A dona que eu am` e tenho por senhor
amostrade-me a Deus, se vos em prazer for,
se non dade-me a morte

A que tenh` eu por lume destes olhos meus
e por que choram sempre amostrade-me a Deus,
se non dade-me a morte

Essa que Vós fizestes melhor parecer

de quantas sei, ai Deus, fazed-me-a veer,
se non dade-me a morte

Ai Deus, que me-a fizestes mais ca mim amar,
mostrade-me u possa com ela falar,
se non dade-me a morte

Cantiga de Amigo

Quisera vosco, falar de grado,
ai meu amigu` e meu namorado,
mais non ous` oj` eu con vosc` a falar,
ca ei mui gran medo do irado;
irad` aja Deus que me lhi foi dar.

Em cuidados de mil guisas travo
por vos dizer o com que m` agravo;
mais non ous` oj` eu con vosc` a falar,
ca ei mui gran medo do mal-bravo;
mal-brav` aja Deus que me lhi foi dar.

Gran pesar ei, amigo, sofrudo,
por vos dizer meu mal ascondudo;
mais non ous` oj` eu con vosc` a falar,
ca ei mui gran medo do sanhudo;
sanhud` aja Deus que me lhi foi dar.

Senhor do meu coraçõ, cativo
sodes em eu viver com quen vivo;
mais non ous` oj` eu con vosc` a falar,
ca ei mui gran medo do esquivo
esquiv` aja Deus que me lhi foi dar.

Cantiga de Amigo

- Ai, flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo ?
Ai, Deus, e u é ?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado ?
Ai, Deus, e u é ?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo ?
Ai, Deus, e u é ?

Se sabedes novas do meu amado
aquele que mentiu do que m` á jurado ?
Ai, Deus, e u é ?

[- Vós preguntades pólo voss` amigo ?

e eu bem vos digo que é san` e vivo.
Ai, Deus, e u é ?]

Vós preguntades pólo voss` amado ?
e eu bem vos digo que é viv` e sano.
Ai, Deus, e u é ?

E eu bem vos digo que é san` e vivo,
e será vosc` ant` o prazo saído.
Ai, Deus, e u é ?

E eu bem vos digo que é viv` e sano,
e será vosc` ant` o prazo passado.
Ai, Deus, e u é ?

Cantiga de Mal-Dizer

Ai Dona fea ! foste-vos queixar
Porque vos nunca louv' em meu trobar
Mais ora quero fazer um cantar
Em que vos loarei toda a via:
Dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! Se Deus mi perdon !
E pois havedes tan gran coração
Que vos eu loe en esta razon;
E vedes qual será a loaçõ:
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
Em meu trobar, pero muito trobei;
Mais ora já um bom cantar farei
Em que vos loarei toda a via:
E direi-vos como vos loarei:
Dona fea, velha e sandia!

Cantigas de Amigo de Martin Codax

Mandad' ey comigo

ca yen meu amigo:
Eirey, madr' a Vigo!

Comigu' ey mandado
ca vem meu amado:
Eirey, madr' a Vigo!

Ca yen meu amigo
e yen san' e vivo:
E irey, madr' a Vigo!

Ca yen meu amado
e yen viv' e sano:
E irey, madr' a Vigo!

Ca yen san'e vivo

e d'el-rey amigo:
E irey, madr' a Vigo!

Ca yen viv' e sano
e d'el-rey privado:
E irey, madr' a Vigo!

Mia irmana fremosa, treydes comigo

a la igreja de Vig' u é o mar salido:
E miraremos las ondas!

Mia irmana fremosa, treydes de grado
a la igreja de Vig'u éo mar levado:
E miraremos las ondas!

A la igreja de Vig' u é o mar salido,
e verri i mia madr' e o meu amigo:
E miraremos las ondas!

A la igreja de Vig', u é o mar levado,
e verri i mia madr' e o meu amado:
E miraremos las ondas!

Quantas sabedes amar amigo

treydes comig' a lo mar de Vigo:
E banhar-nos-emos nas ondas.

Quantas sabedes amar amado
treydes comig' a lo mar levado:
E banhar-nos-emos nas ondas.

Treydes comig' a lo mar de Vigo
e veeremo' lo meu amigo:
E banhar-nos-emos nas ondas.

Treydes comig' a lo mar levado
e veeremo' lo meu amado:
E banhar-nos-emos nas ondas.

Cantigas de Santa Maria de Afonso X

Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Sennor das sennores.

1.

Rosa de beldad' e de parecer
e Fror d'alegria e de prazer,
Dona en mui piadosa ser
Sennor en toller coitas e doores.
Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Sennor das sennores.

2.

Atal Sennor dev' ome muit' amar,
que de todo mal o pode guardar;

e pode-ll' os peccados perdõar,
que faz no mundo per maos sabores.
Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Senhor das sennores.

3.

Devemo-la muit' amar e servir,
ca punna de nos guardar de falir;
des i dos erros nos faz repentir,
que nos fazemos come pecadores.
Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Senhor das sennores.

4.

Esta dona que tenno por Sennore
de que quero seer trobador,
se eu per ren poss' aver seu amor,
dou ao demo os outros amores.
Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas, Senhor das sennores.

Poemas do Livro de Catulo

(Roma - ~87 - 54 a. C.)

Poema 5

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,
E aos rumores dos velhos mais severos,

A todos, voz nem vez vamos dar. Sóis
Podem morrer ou renascer, mas nós
Quando breve morrer a nossa luz,
Perpétua noite dormiremos, só.
Dá mil beijos, depois outros cem, dá
Muitos mil, depois outros sem fim, dá
Mais mil ainda e enfim mais cem - então
Quando beijos beijarmos (aos milhares !)
Vamos perder a conta, confundir,
Para que infeliz nenhum possa invejar,
Se de tantos souber, tão longos beijos.

Poema 43

Salve menina de nariz não mínimo,
De pés não belos, não escuros olhos,
Dedos não longos, boca nada límpida,
E fala nem um pouco refinada,
Amante do falido Formiano
Por acaso a província te acha bela ?
És tu que és comparada a minha Lésbia ?
Que estúpido, que século mais sem graça !
(Tradução de João Ângelo de Oliva Neto Edusp,
1996)

Humanismo

Cantiga sua partindo-se

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tão tristes os tristes,
tão fora d'esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

João Ruiz de Castelo Branco (Humanismo - Portugal)

Oratio de hominis dignitate

“(…) que neste mundo nada se pode encontrar mais digno de admiração que o homem (…). Não te fizemos nem celeste, nem terreno, mortal ou imortal, de modo que assim, tu, por ti mesmo, (…), possas retratar a forma que gostarias de ostentar. Poderás descer ao nível dos seres embrutecidos; poderás, ao invés, por livre escolha de tua alma, subir aos patamares superiores que são divinos. (…). Se temos a liberdade de fazer a nossa própria escolha (…), desprezemos o que é mundano (…), procuremos o que é celestial (…).”

PICO DELLA MIRANDOLA, G., Discurso sobre a Dignidade do Homem, (edição bilingue), trad.de Maria de Lurdes S.Ganho, Lisboa, Edições 70, 1989.

Auto da Lusitânia – Gil Vicente (1532)

Ninguém - Que andas tu aí buscando?
Todo-o-Mundo - Mil coisas ando a buscar:
 delas não posso achar,
 porém ando porfiando,
 por quão bom é porfiar.
Ninguém - Como hás nome, cavaleiro?
Todo-o-Mundo - Eu hei nome Todo-o-Mundo,
 e meu tempo todo inteiro
 sempre é buscar dinheiro,
 e sempre nisto me fundo.
Ninguém - E eu hei nome Ninguém,
 e busco a consciência.
Berzebu - Esta é boa experiência!
 Dinato, escreve isto bem.
Dinato - Que escreverei, companheiro?
Berzebu - Que Ninguém busca consciência,
 e Todo-o-Mundo dinheiro.
Ninguém - E agora que buscas lá?
Todo-o-Mundo - Busco honra muito grande.
Ninguém - E eu virtude, que Deus mande
 que tope co'ela já.
Berzebu - Outra adição nos acude:
 escreve logo aí a fundo
 que busca honra Todo-o-Mundo
 e Ninguém busca virtude.
Ninguém - Buscas outro mor bem que esse?
Todo-o-Mundo - Busco mais quem me louvasse
 tudo quanto eu fizesse.

Ninguém - E eu quem me repreendesse
 em cada coisa que errasse.
Berzebu - Escreve mais.
Dinato - Que tens sabido?
Berzebu - Que quer em extremo grado

*Classicismo**Camões – Redondilha*

a esta cantiga alheia
 Perdigão perdeu a pena,
 não há mal que lhe não venha:

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
 subiu em alto lugar,
 perde a pena do voar,
 ganha a pena do tormento.
 Não tem no ar nem no vento
 asas, com que se sustenha:
 não há mal que lhe não venha.

Todo-o-Mundo ser louvado,
 e Ninguém ser repreendido.
Ninguém - Buscas mais, amigo meu?
Todo-o-Mundo - Busco a vida e quem ma dê.
Ninguém - A vida não sei que é,
 a morte conheço eu.
Berzebu - Escreve lá outra sorte.
Dinato - Que sorte?
Berzebu - Muito garrida:
 Todo-o-Mundo busca a vida,
 e Ninguém conhece a morte.
Todo-o-Mundo - E mais queria o paraíso,
 sem mo ninguém estorvar.
Ninguém - E eu ponho-me a pagar
 quanto devo para isso.
Berzebu - Escreve com muito aviso.
Dinato - Que escreverei?
Berzebu - Escreve
 que Todo-o-Mundo quer paraíso,
 e Ninguém paga o que deve.
Todo-o-Mundo - Folgo muito de enganar,
 e mentir nasceu comigo.
Ninguém - Eu sempre verdade digo,
 sem nunca me desviar.
Berzebu - Ora escreve lá, compadre,
 não sejas tu preguiçoso!
Dinato - Quê?
Berzebu - Que Todo-o-Mundo é mentiroso
 e Ninguém diz a verdade.
Ninguém - Eu sou todo desengano.
Berzebu - Escreve, ande lá mano!
Dinato - Que me mandas assentar?
Berzebu - Põe aí mui declarado,
 não te fique no tinteiro:
 Todo-o-Mundo é lisonjeiro,
 e Ninguém desenganado.

Quis voar a uia alta torre
 mas achou-se desasado;
 e, vendo-se depenado,
 de puro penado morre.
 Se a queixumes se socorre,
 lança no fogo mais lenha:
 não há mal que lhe não venha.

Camões – Sonetos

1.

Enquanto Febo os montes acendia,
Do céu com luminosa claridade,
Por conservar ileso a castidade,
Na caça o tempo Délia dispendia.

Vênus, que então de furto descendia
Por conservar de Anquises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando dela, lhe dizia:

Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando;
Mas as minhas enredam o sentido.

Melhor é, respondia a deusa pura,
Nas redes leves cervos ir tomando

Épopéias

Proposições

“Canta-me a cólera - ó deusa! - funesta de Aquiles Pelida,
causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos inúmeros
e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos”
(Ilíada - Homero)

“Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ílion Santa, errou de clima em clima,
Viu de muitas nações costumes vários.
Mil transe sofreu no equóreu ponto,
Por segurar a vida e aos seus a volta”
(Odisséia - Homero)

“As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Tróia·
Por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro”.(Eneida - Virgílio)

“Do primeiro homem canta, empírea Musa,
A rebeldia - e o fruto, que, vedado,
Com seu mortal sabor nos trouxe ao mundo
A morte e todo o mal na perda do Éden,
Até que homem maior pode remir-nos
E a dita celestial dar-nos de novo”.
(O Paraíso Perdido - John Milton)

"As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca antes navegados
Passaram além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram,
Novo reino que tanto sublimaram”
(Lusíadas - Luís de Camões)

Que tomar-te a ti nelas teu marido.

2.

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

BARROCO**Apólogo da morte – D. Francisco Manuel de Melo**

Vi eu um dia a Morte andar folgando
 Por um campo de vivos, que a não viam
 Os velhos, sem saber o que faziam
 A cada passo nela iam topando.

Na mocidade os moços confiando,
 Ignorantes da Morte, a não temiam;
 Todos cegos, nenhum se lhe desviam;
 Ela a todos com dedo, os vai contando.

Então quis disparar, e os olhos cerra:
 Tirou, e errou. Eu vendo seus empregos
 Tão sem ordem, bradei: Tem te, homicida.

Voltou-se, e respondeu: Tal vai de guerra;
 Se vos todos andais comigo cegos,
 Que esperais que convosco ande advertida?

Antes da Confissão - D. Francisco Manuel de Melo

Eu que faço? que sei? que vou buscando?
 Conto, lugar ou tempo a esta fraqueza?
 Tenho eu mais que acusar, por mais firmeza,
 Toda a vida. sem mais como nem quando?

Se cuidado, Senhor, falando, obrando,
 Te ofende minha ingrata natureza,
 Nascer, viver, morrer, tudo é torpeza.
 Onde vou? donde venho? donde ando?

Tudo é culpa, ó bom Deus! Não uma e uma
 Descubro ante os teus olhos. Toda a vida
 Se conte por delito e por ofensa.

Mas que fora de nós, se esta, se alguma
 Fora mais que uma gota a ser medida
 C'ò largo mar de tua graça imensa?

A uma ausência - Antonio Barbosa Bacelar

Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
 No rigoroso fogo que me alenta;
 O mal que me consome me sustenta,
 O bem que me entretém me dá cuidado.

Ando sem me mover, falo calado,
 o que mais perto vejo se me ausenta,
 E o que estou sem ver mais me atormenta;
 Alegro-me de ver-me atormentado,

Choro no mesmo ponto em que me rio,
 No mor risco me anima a confiança,
 Do que menos se espera estou mais certo.

Mas, se de confiado desconfio,
 É porque, entre os receios da mudança,
 Ando perdido em mim como em deserto.

A Uma Crueldade Formosa – Jerônimo Baia

Madrigal
 A minha bela ingrata
 Cabelo de ouro tem, fronte de prata,
 De bronze o coração, de aço o peito;
 São os olhos luzentes,
 Por quem choro e suspiro,
 Desfeito em cinza, em lágrimas desfeito,
 Celestial safiro;
 Os beijos são rubins, perlas os dentes;
 A lustrosa garganta
 De mármore polido;
 A mão de jaspe, de alabastro a planta.
 Que muito, pois, Cupido,
 Que tenha tal rigor tanta lindeza,
 As feições milagrosas,
 Para igualar desdéns a formosuras,
 De preciosos metais, pedras preciosas,
 E de duros metais, de pedras duras?

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA – Pe. Antonio Vieira
PREGADO NA CAPELA REAL
ANO DE 1655

(...) O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que *o* lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit qui seminatur seminare semen*. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se *o* lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre *o* centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui *o* que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para *o* Norte, outro para *o* Sul, outro para Leste, outro para Oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há de colher senão vento? O Batista convertia muitos em Judéia; mas quantas matérias tomava? Uma só matéria: *Parate viam*

*Domini*¹. a preparação para o reino de cristo. Jonas converteu os ninivitas; mas quantos assuntos tomou ? Um só assunto: *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*². a subversão da cidade. De maneira que Jonas em quarenta dias pregou um só assunto, e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora? Por isso não pregamos nenhum. O sermão há de ser de uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la, para que se conheça; há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as cousas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências, que se hão de seguir, com os inconvenientes, que se hão de seguir, com os inconvenientes, que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força de eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar demais alto. Não nego, nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar, e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma árvore tem raízes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria. Deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela. Estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e, por remate de tudo, há de ter frutos, que é o fruto, e o fim a que se há de ordenar o sermão. De maneira que há de haver frutos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser, porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar Árvore da vida, há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Semimare semen*. (...)

HISTÓRIA DO FUTURO – Pe. Antonio Vieira

(...) Escreveu Moisés a história do princípio e criação do Mundo, ignorada até aquele tempo de quase todos os homens. E com que espírito a escreveu? Respondem todos os Padres e Doutores que com espírito de profecia. Se já no Mundo houve um profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os profetas não chamaram história às suas profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de histórias: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individualizam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e dos sucessos, e quando tudo isto viram e tudo disseram, é envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido com enigmas e contado ou cantado em frases próprias do espírito e estilo profético, mais acomodadas à majestade e admiração dos mistérios, que à notícia e inteligência deles. (...)

1 Aparelhai o caminho do Senhor (Mt. 3,3).

2 Daqui a quarenta dias será Nínive subvertida (Jon. 3,4).

Sugestões de Leitura

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin e PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1985.
- BOCAGE, Manuel M. Barbosa du. *Poemas Escolhidos*. Cultrix, São Paulo, 1974. Seleção, prefácio e notas de Álvaro C. Gomes.
- CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo, Cultrix, 1995. Prefácio de Massaud Moisés.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo, Edusp, 1980 (ou: CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto, Domingos Barreira Editorial, sem data)
- DIAS, Ana Paula. *Para Uma Leitura de Auto da Alma*. Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- HADDAD, Jamil Almansur. “Introdução a Vieira: Os Elementos barroco e clássico na composição dos sermões”. In VIEIRA, Antonio. *Sermões*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968 (p. 7 - 66).
- HAMILTON, Edith. *A Mitologia*. Lisboa, Dom Quixote, 1983.
- HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1988.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- LAFER, Celso. *Gil Vicente e Camões*. São Paulo, Ática, 1978.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*. 4º edição, Editora Coimbra, Coimbra, 1955. (Páginas 5 a 26 e 127 a 168).
- MEGALE, Heitor e OSAKABE, Haqira (orgs.). *Textos Medievais Portugueses e suas Fontes*. São Paulo, Humanitas, 1999.
- MOISÉS, Massaud (org.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo, Atlas, 1992, Vol. 1 (Trovadorismo e Humanismo).
- MOISÉS, Massaud (org.). *A Literatura Portuguesa em Perspectiva*. São Paulo, Atlas, 1992, Vol.2 – Classicismo, Barroco, Arcadismo.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 28ª Edição, São Paulo, Cultrix, 1995.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros. *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. São Paulo, Íbis, 1995.
- MONIZ, Antonio. *Para Uma Leitura da Lírica Camoniana*. Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- PETRARCA. *O Cancioneiro*. Rio de Janeiro, Ediouro, sem data. Introdução de Jamil Almansur Haddad.
- PIVA, Luís; CUNHA, Maria Helena R. da. *Lirismo e Epopéia em Luís de Camões*. Cultrix/Edusp, 1980.
- SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. 3ª Edição, Lisboa, Gradiva, 1980.
- SARAIVA, José Hermano. *História Concisa de Portugal*. 17ª edição, Lisboa, Publicações Europa América, 1995.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. *Poesia Clássica*. Literatura Portuguesa. São Paulo, Global Editora, 1988.
- SPINA, Segismundo. *A Lírica Trovadoresca*. São Paulo, Edusp, 1996
- TEYSSIER, Paul. *Gil Vicente, o autor e a obra*. Lisboa, Bertrand, 1982. Série Biblioteca Breve.
- VICENTE, Gil. *Obras de Gil Vicente*. Porto, Lello Editores 1965.
- VIEIRA, Antonio. *Sermões*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.